

ALUNO DEFICIENTE VISUAL E A AULA DE ARTE: APLICAÇÃO DE UM MÉTODO TÁTIL-SINESTÉSICO ATRAVÉS DE UMA PRANCHA TÁTIL

Luís Müller Posca / UnB

RESUMO

Este estudo demonstra como o ensino das Artes Visuais pode ser adaptado ao aluno deficiente visual da Educação Básica. Considerando-se que a Arte está ligada aos sentimentos humanos, muitos acreditam que, por não enxergar, esse aluno está excluído daquilo que se refere à poética visual. Diante das dificuldades no processo de inclusão desses alunos no ensino de Artes Visuais e materiais adaptados a esse público, defendemos que, por intermédio do uso de pranchas táteis, trabalhadas levando-se em consideração a sinestesia, é possível que o aluno não visual possa apreciar imagens nas aulas de arte. Aqui, apresentamos uma experiência sobre a criação e a aplicação de um método didático-pedagógico de ensino-aprendizagem de Artes Visuais unindo essas pranchas táteis a uma atmosfera sinestésica para alunos não visuais da Educação Básica.

PALAVRAS-CHAVE

Artes visuais; Alunos Deficientes visuais; Sinestesia; Pranchas táteis.

Durante os anos de docência na disciplina Arte (2008 – 2016) em escolas públicas no interior do Estado de São Paulo. Lecionei para uma grande quantidade de alunos que apresentam necessidades educacionais especiais. A proposta da inclusão regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96), no seu art. 58, cap. V, institui a Educação Especial como “modalidade escolar para educandos portadores de necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1996).

Diante dessa legislação, avanços foram feitos, como por exemplo o surgimento da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (BRASIL, 2015). Porém, falhas ainda persistem nesse processo da educação inclusiva. Trouxe essa discussão a princípio, a fim de que pudéssemos pensar no ensino de Arte para alunos deficientes visuais. Afinal, incluir o discente não visual em uma aula de Artes Visuais, sem maiores recursos que possam, de fato, fazê-lo compreender e fruir sobre as obras de arte apresentadas em sala de aula não seria reproduzir uma exclusão social? Qual função a aula de Arte vai exercer na educação desse aluno?

Defendemos que o ensino de artes visuais também é pertinente aos alunos que não dispõem do recurso da visão e que esse discente possa desfrutar de momentos de fruição sobre as obras de artes visuais em sala de aula, não apenas de forma oral, como geralmente acontece, mas utilizando-se de seus outros sentidos, como canais multissensoriais. Nesse sentido, explicita Duarte (2011, p. 22):

As palavras da nossa língua falada e escrita e os objetos do mundo possuem significado na nossa vida quando, e se, para essas palavras e coisas existem na nossa mente padrões neurais, imagens mentais, que a elas correspondem, preenchendo-as de sentido.

Assim, entendemos que aquele indivíduo que não tem memória visual precisa se cercar de recursos sensoriais que possam ativar em sua mente o sentido necessário para o entendimento de um objeto ou uma obra visual, e não só ouvir a percepção oral ou escrita de outrem. Para demonstrar a possibilidade desse ensino multissensorial, buscamos ações fora do ambiente escolar que atestam a possibilidade de se proporcionar situações de apreciação de obras de artes visuais para esse público, encontramos as seguintes exposições “*Hoy toca el prado*”, “Sentir pra ver” e o projeto “*Unseen Art*”, todas de 2015¹. Tais ações foram o ponto de partida para se pensar um material didático adaptado e pertinente para o ensino das obras de arte em ambiente escolar da educação básica. Morais (2009) explicita a preocupação e motivação para que pesquisas tragam à tona a capacidade dos alunos deficientes visuais, enfatizando o direito a uma aprendizagem significativa do aluno não visual, também, nas aulas de arte:

Seria possível ensinar artes visuais para uma criança não-visual? Como transformar cores, formas e linhas em representações acessíveis a uma pessoa cega? Partindo destes questionamentos, [...] no contato com a realidade da criança não-visual, e principalmente, na busca incansável de conscientizar as pessoas ditas “normais”, que a criança cega pode, e deve, se desenvolver como um ser integral, não considerando somente suas limitações, mas, sim, suas potencialidades (MORAIS, 2009, p. 3).

Essa importância, de se desenvolver as potencialidades dos alunos não visuais em Arte, não fica restrita apenas à inclusão dos discentes, mas também à

POSCA, Luís Müller. Aluno deficiente visual e a aula de arte: aplicação de um método tátil-sinestésico através de uma prancha tátil, Resumo Expandido In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2877-2884.

inserção dos docentes de arte; Nesse sentido, a partir da criação de uma prancha tátil transpondo uma pintura para formas táteis² (Figura 1), foi proposto um método didático-pedagógico cujo objetivo era criar uma experiência estética dentro do ambiente escolar para alunos não visuais e seus professores de Arte.



Figura 1. Processo de construção de prancha tátil, 2017. Resina acrílica, 29,7 x 20,7 cm. Fonte: Acervo pessoal, São Paulo.

A criação desse método didático-pedagógico foi embasado pelos estudos de sinestesia e Arte em Heyrman (2005), Kandinsky (2000), Sacks (2007), Cytowic (1995), Reily (2008), Marques (2016) e Presa (2008). Tomando como exemplo a prancha tátil criada nessa pesquisa, sugerimos alguns passos a serem levados em consideração ao se trabalhar com esse material na escola de Educação Básica:

- Em um primeiro momento, faz-se a contextualização sobre a obra que pode ser explorado pelo arte-educador de maneira expositiva. No caso da obra “Girassóis”, de Vincent Van Gogh, podem ser dadas informações sobre a predominância da cor amarela na pintura.

POSCA, Luís Müller. Aluno deficiente visual e a aula de arte: aplicação de um método tátil-sinestésico através de uma prancha tátil, Resumo Expandido In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2877-2884.

- Depois, esses alunos podem conhecer, concretamente, a flor girassol. Nesse momento, o professor proporciona ao aluno sentir o cheiro e a textura dessa flor. É possível, ainda, relacionar a flor à produção de mel das abelhas, remetendo-o, nesse sentido, a uma memória gustativa.
- No momento da apreciação da prancha com a obra de Van Gogh ao aluno não visual, além da estimulação tátil, propomos que seja colocada uma melodia alegre, como música de fundo, em nosso caso, a sinfonia “*Arabesque*”, de Debussy foi a escolhida, por se tratar de uma melodia que espelha as celebrações de formas na natureza. Uma essência com aroma da flor girassol foi espirrada no ambiente e, uma bala de mel foi oferecida para que, assim, a experiência sensorial fosse completa: ao mesmo tempo, quatro sentidos ativados ao mesmo tempo. Com isso, provocando uma atmosfera sinestésica, para além do tato, no momento de apreciação estética da prancha.

Vale ressaltar que o intuito dessa experiência foi demonstrar que, dentro do ambiente escolar, também é possível que recursos adaptados possam auxiliar o discente e o docente nas aulas de Arte. Por essa razão, realizamos, essa proposta com dois alunos deficientes visuais que cursam os anos iniciais do Ensino Fundamental³.

Uma vez realizados os dois primeiros momentos da experiência (sondagem sobre a aula de Arte e a leitura do livro negro das cores)⁴, partimos, finalmente, para a experiência tátil-sinestésica fazendo uso da prancha tátil. Assim, contextualizamos os alunos sobre o quadro “*Girassóis*”, de Van Gogh e, na sequência, fizemos algumas perguntas para averiguar o conhecimento de cada um sobre a cor amarela e a flor de girassol. Parte dessa experiência estética está relatada abaixo:

POSCA, Luís Müller. Aluno deficiente visual e a aula de arte: aplicação de um método tátil-sinestésico através de uma prancha tátil, Resumo Expandido In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2877-2884.

O Aluno B afirma já ter ouvido falar da flor do girassol e, quando perguntado sobre a sua cor, diz: “Já lembrei, é amarelo” e a Aluna A afirma: “Eu já vi muitas flores amarelas, eu já também vi o girassol”.

Além desse questionamento, trouxemos à tona uma associação gustativa sobre o que estava sendo comentado e, ao mencionar a produção de mel das abelhas vinda do pólen dessas flores, oferecemos uma balinha de mel a esses alunos, tendo, ainda, como pano de fundo, a melodia da música “*Arabesque*”, de Debussy. O Aluno B mostrou uma reação maior quando a música foi inserida. “**Aluno B:** Eu acho isso legal. Eu gosto de música de girassol”.

Após esse procedimento, entregamos a prancha aos alunos e propusemos a apreciação tátil. Mal tocou a prancha, o Aluno B, que tem cegueira total, exclamou: “Olha, é girassol!”. A Aluna A disse: “Ele tem uma flor que é o girassol [...] Estou sentindo a bolinha do girassol. Ai, acho que tem um aqui também”.

Enquanto tocavam a prancha, a essência de girassol foi espirrada no ambiente e coletamos as seguintes percepções: “**Aluno B:** Olha, que bom. [...] Sim, tem cheiro de flor”. “**Aluna A:** Acho que tem mais de um [girassol] e estou sentindo um cheiro, parece cheiro de pessoa que já tomou banho. É cheiroso”.

No momento da apreciação, averiguamos, ainda, a percepção dos discentes sobre o lugar em que tais girassóis estão na representação tátil. Na percepção de ambos, houve a associação ao vaso: “**Aluna A:** Vaso ou pote. É um vaso mesmo”, “**Aluno B:** Estão em um vaso”.

A conclusão a que os sujeitos chegaram após a experiência, no caso da Aluna A, foi uma associação sinestésica ao final do momento de apreciação tátil: “Acho que eu tô pensando que as flores são cheirosas. Acho que a cor amarela é cheirosa”.

Quando o Aluno B foi questionado sobre a possibilidade de ter outras pinturas que pudessem ser tocadas na escola, afirmou que seria melhor: “Sim, porque ela [a

professora] conta tudo e eu não pego na mão; só fica na lousa e eu gosto de sentir as coisas na mão”.

Conclusão

Após essa checagem do método, atestamos as hipóteses levantadas nesta pesquisa sobre a condução de uma aula de Arte que não conta com recursos adaptados aos alunos deficientes visuais. A prancha é, portanto, muito eficaz, quando apresentada em ambiente sinestésico. Isso porque as associações a gostos, cheiros e sons familiares desses alunos facilitam a apresentação do que é novo (a pintura adaptada). Assim, as referências exteriores que esses alunos trazem em suas memórias podem ser facilmente alcançadas para auxiliar a ideia de cores e, também, a ideia artística de retratar algo concreto e facilmente encontrado pela criança em seu cotidiano, o girassol. Nesse caso, por intermédio da multissensorialidade, esses sujeitos exploraram e conseguiram acessar memórias sensitivas; chegaram a conclusões brilhantes, como o fato de “a cor amarela ser cheirosa”, além de se orgulharem por poderem ter à mão obras que eles pudessem, de maneira autônoma, explorar sem intervenções.

Assim, é importante que resgatemos, a ideia de que a garantia da inclusão nas escolas de ensino regular foi uma grande conquista para as crianças que apresentam algum tipo de deficiência. Todavia, de nada adianta incluir essas crianças em um sistema de ensino sem que haja uma preparação, adequação profissional e material que as acolha de forma adequada. Buscamos, com o estudo da sinestesia, relacionar a ideia de que a Arte está ligada essencialmente aos sentidos humanos, pois, mesmo com a ausência da visão, outros estímulos podem ser desencadeados. Logo, se a Arte é universal e está intrínseca aos seres humanos, as pessoas deficientes visuais não podem ser colocadas à margem e é nosso dever, como professores e pesquisadores da área de Artes Visuais, pensar em maneiras de mediar e de permitir o acesso desses sujeitos.

Demonstramos, portanto, que existe a possibilidade de se levar essa iniciativa inclusiva para a escola de Educação Básica e que, por meio dela, podemos pensar uma aula de Artes Visuais que vai exercer a sua função também com os discentes não visuais, promovendo momentos de fruição e emoção autônomas, para que eles possam ser “tocados” pela Arte por meio do *olhar de seus sentimentos*.

Notas

1 As duas exposições, *Hoy toca el prado*, Sentir pra ver e o projeto *Unseen Art* foram três ações artísticas de 2015 voltadas para o público em geral, com foco nas pessoas deficientes visuais que utilizou diversos recursos tecnológicos como a impressora 3D para promover a acessibilidade nas artes visuais.

2 A prancha utilizada foi criada pelo artista José Alfonso Ballesterro-Álvarez especificamente para servir de objeto para a pesquisa. Após a escolha da obra, o artista delimita o tamanho e o volume da prancha e inicia um processo escultórico com a massa de modelar oil clay e o uso de estecas. Após esse trabalho de reprodução, o artista cria um molde preenchendo toda a extensão da obra com silicone. Uma vez criada essa matriz de silicone, esta é preenchida com resina plástica. Depois da secagem, tem-se a prancha tátil de fato. Em seu verso, é fixado um fundo em material E.V.A. para que a prancha não deslize no momento da apreciação.

3 Os dois Alunos deficientes visuais colaboradores dessa pesquisa foram nomeados como Aluno A (menina com baixa-visão de 6 anos) e Aluno B (menino deficiente visual congênito de 7 anos), ambos foram autorizados pelos seus pais a participar da pesquisa.

4 Foram elaboradas algumas perguntas iniciais para checar como era a aula de arte de cada sujeito de pesquisa, especialmente com foco em materiais didáticos adaptados às suas condições. No segundo momento, foi realizada a leitura do livro negro das cores de Cottin e Faria (2006) cuja história narra as percepções sinestésicas das cores por uma criança deficiente visual proporcionando apreciação tátil das ilustrações.

Referências

ARTE-INCLUSÃO. **Sentir pra ver**. 2015. Disponível em: <http://sentirpraver.com.br/itinerancia_pinacoteca.html>. Acesso em: 22 set. 2016.

BRASIL. **Lei n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 8 abr. 2016.

_____. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: Acesso em: 26 set. 2017.

COTTIN, M.; FARIA, R. **O livro negro das cores**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

CYTOWIC, Richard E. **Synesthesia**: phenomenology and neuropsychology – a review of current knowledge. *Psyche: an Interdisciplinary Journal of Research on Consciousness*, v.2, n.10, 1995.

DUARTE, Maria Lúcia Betezat. **Desenho infantil**: e seu ensino a crianças cegas. 22. ed. Curitiba: Insight, 2011.

POSCA, Luís Müller. Aluno deficiente visual e a aula de arte: aplicação de um método tátil-sinestésico através de uma prancha tátil, Resumo Expandido In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2877-2884.

HEYRMAN, Hugo. 1. First International Conference on Art and Synesthesia, Espanha. **Art and Synesthesia: in search of the synesthetic experience**. Espanha: Universidad de Almería, 2005. n.p. Disponível em: <<http://www.doctorhugo.org/synaesthesia/art/index.html>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

KANDINSKY, W. **Do espiritual na arte**. 3. ed. Brasil: Martins, 2000.

MARQUES, S. B. **Sinestesia das pessoas cegas: novas possibilidades de informação**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro /UFRJ. Rio de Janeiro, 2016.

MORAIS, Diele Fernanda Pedrozo de. **Desenhando uma história: a formação da imagem mental e a representação gráfica de alunos cegos precoces e tardios**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC. Florianópolis, 2011.

MUSEUM displays paintings for the blind: **Hoy toca el Prado**. Hoy toca el Prado. 2015. Disponível em: <<http://www.cbsnews.com/pictures/museum-displays-paintings-for-the-blind/>>. Acesso em: 20 maio 2016.

PRESA, C. P. M. **Sinestesia na arte**. Dissertação (Mestrado em Design Multimédia). Programa de Pós-graduação em Design Multimédia da Universidade da Beira Interior/UBI. Covilhã, 2008.

REILY, Lucia. **Músicos Cegos ou cegos músicos: representações de compensação sensorial na História da Arte**. Cadernos Cedes, Campinas, v. 28, n. 75, 2008. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 16 fev. 2016.

SACKS, Oliver. **Alucinações musicais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

UNSEEN ART. **Monalisa**. 2015. Disponível em: <<http://www.unseenart.org/>>. Acesso em: 26 out. 2015.

Luís Müller Posca

É doutorando em Artes Visuais pela Universidade de Brasília – UNB, Mestre em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU e Professor efetivo do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima - UFRR. Tem experiência em Artes Visuais e Arte Educação. Atualmente, desenvolve pesquisas sobre o Ensino de Arte, Formação de Professores, o uso das tecnologias para a Inclusão nas Artes Visuais e as emergências do espaço urbano de Boa Vista-RR. Contato: luis.mp@msn.com.